

I – APRESENTAÇÃO E SINOPSE

Sem dúvida alguma, o melhor romance de Aluísio de Azevedo é *O Cortiço*. Neste livro, já não é mais a estória das personagens que interessa tanto. Mais do que elas, salienta-se a rivalidade entre o espaço de João Romão e o do comendador Miranda, a simbolizarem todo um processo de transformação econômica em momento de expansão urbana.

João Romão, um ganancioso comerciante de origem portuguesa, possui uma pedreira, uma taverna e um terreno razoável, onde constrói casinhas de baixo custo para alugar. Secundando-o nas tarefas e com ele repartindo a cama, a figura da negra Bertoleza, ex-escrava forte e também ambiciosa, supostamente alforriada.

A poucos metros da venda, havia um sobrado que veio a ser ocupado por Miranda, Estela e Zulmira, uma família economicamente segura, cujo chefe vendia pano por atacado. A proximidade do cortiço incomodava Miranda que, por sua vez, incomodava João Romão com seu ar de fidalguia e seu título de comendador.

A contratação de Jerônimo, um operário português, para o trabalho na pedreira altera um pouco a composição do cortiço, para onde ele se muda em companhia da mulher, a Piedade. Essa alteração ganha intensidade, sobretudo a partir do momento em que nasce o interesse amoroso entre o operário e a Rita Baiana, beleza máxima daquele agrupamento. Rita, no entanto, tinha compromisso com Firmo, mulato garboso e gabola, capoeirista hábil, morador de um cortiço vizinho, o “Cabeça-de-Gato”, rival do “São Romão”, cujos moradores adotam o apelido de “carapicus” (nome de um peixe). No primeiro enfrentamento, Firmo leva a melhor e atinge Jerônimo com uma navalhada.

Enquanto isso, Botelho, um agregado em casa de Miranda, começa a estimular o interesse de João Romão por Zulmira, a filha do atacadista de panos. Nesse projeto, evidentemente, inclui-se um plano para dispensar Bertoleza.

A essa altura, Rita e Jerônimo já vivem juntos e a preocupação deste é vingar-se da navalhada que o atingira e, se possível, eliminar seu rival de vez. Através de uma combinação prévia, dois tipos escusos atraem Firmo para uma cilada e Jerônimo assassina-o a pauladas. Em consequência dessa morte, os “Cabeça-de-Gato” atacam os “carapicus” do cortiço de João Romão e a luta só se interrompe por causa de um incêndio provocado.

Na verdade, desse fogo arrasador renasce um cortiço novo e mais “próspero”. O fogo ajudara, indiretamente, os planos de João Romão que, agora, já vinha mantendo boas relações com a família de Miranda. Só restava o empecilho de Bertoleza. Mas o providencial Botelho descobrira o dono daquela escrava, cujo dinheiro da alforria, tão duramente economizado, fora embolsado por João Romão. Diante da ameaça de retorno ao cativo, Bertoleza estripa-se.

[Adaptado de *Aluísio de Azevedo – Literatura Comentada*; Antônio Dimas; Abril Educação, 1980]

II – PERSONAGENS

- Os naturalistas, como “cientistas da sociedade”, preferem os grandes painéis humanos, os aglomerados habitacionais. Também por isso as personagens naturalistas têm pouca profundidade psicológica, o que chamamos de **personagens planos**: elas são sempre produto ou consequência de algo anterior a sua vontade, agem movidos por forças sobre as quais não têm controle.
- A **caricatura** consiste na construção, em poucas linhas apenas, de uma figura acabada, física e psicologicamente, através do destaque e/ou exagero de algumas de suas características.
- A concepção biológica do ser humano, na qual se baseiam os romancistas naturalistas, acaba por promover uma **animalização** das personagens, isto é, sua caracterização como se fossem animais, bestas embrutecidas, muitas vezes ocorrendo a sua **zoomorfização** - um recurso estilístico típico da literatura naturalista: trata-se da caracterização do ser humano – seja no aspecto físico, seja quanto ao caráter - sempre a partir de identificação a animais.
- O **psicofisiologismo** consiste em fazer com que os traços físicos de um personagem estejam em estreita relação com sua identidade psicológica, sua maneira de ser, no ambiente narrativo. Veja um exemplo na associação do Botelho a um abutre logo abaixo.
- **Personagens:**
 - ✓ Núcleo principal [criação do cortiço e ascensão do proprietário]: João Romão [“animal vencedor”, europeu superior], Bertoleza [escrava inferior], Sr. Miranda, Botelho [agregado, “parasita”], Zulmira [mulher: moeda de troca]
 - ✓ Disputa amorosa: Rita Baiana [símbolo da atração e força da natureza tropical / meio], Jerônimo [o português vencido pelo meio], Piedade [degradação extrema] e Firmo [típico malandro/marginal carioca].
 - ✓ As lavadeiras do cortiço e seu entorno: Leandra, a Machona (filhos: Ana das Dores, Nenen e Agostinho), Augusta Carne-Mole (esposa de Alexandre, praça da polícia), Leocádia (esposa do Bruno, a quem trai constantemente), Paula (responsável pelo incêndio do cortiço), Marciana (mãe de Florinda), Dona Isabel (mãe de Pombinha), Albino (homossexual).
 - ✓ Outras personagens do Sobrado: Dona Estela [sensualidade agressiva, incontrollável]; Henriquinho (que desde a adolescência interessa-se por Pombinha, com quem fará festas ao final); os criados (Isaura, Leonor e Valentim).

- ✓ Mulheres fatais (ou as meninas a caminho de se tornarem prostitutas): Léonie, Pombinha, Senhorinha (filha de Piedade e Jerônimo), Juju (filhinha de Augusta e Alexandre criada por Léonie), Florinda.
- ✓ Outras personagens: o velho Libório (roubado por João Romão no momento da morte), Domingos (caixeiro de João Romão que engravida Florinda), João da Costa (noivo e marido traído de Pombinha).

III – FOCO NARRATIVO

- ✓ **Narrador onisciente**, que tudo observa, relata, investiga. Movimento narrativo que parte de um quadro geral ou vista panorâmica do ambiente para a enumeração e ou descrição exaustiva de seus detalhes (objetos, personagens, ações), com uma capacidade extraordinária para fixar os **movimentos** das cenas.

IV – TEMPO

- ✓ As ações decorrem por volta da metade para o final do século XIX. Época do final do Império, abolição da Escravatura, início da República. O Rio de Janeiro se urbaniza rapidamente, uma industrialização incipiente gera uma classe trabalhadora que se amontoa nos cortiços do centro ou da periferia.
- ✓ Do início da construção do cortiço, pouco tempo depois de João Romão e Bertoleza se amigarem, até a morte de Bertoleza e o “triumfo” final de João Romão, passaram-se de 5 a 8 anos

V - ESPAÇO

- ✓ O cortiço localizava-se no bairro de Botafogo. Começa com três cômodos. Em seu primeiro momento, atinge um máximo de 95 casinhas. Depois do incêndio e da reconstrução como “Avenida”, chega a mais de quatrocentas.
- ✓ O cortiço é descrito como um ambiente sempre movimentado, um “formigueiro” em constante atividade, com seus moradores se agitando sem parar. O cortiço é como um “personagem”, comparado a organismos vivos (plantas, bichos).
- ✓ Em oposição ao espaço do cortiço, há o sobrado, menos detalhado em sua descrição. São espaços que opõem duas forças sociais e econômicas diferentes: o da classe média-alta e o da classe baixa.
- ✓ DETERMINISMO DO MEIO: os personagens têm sua personalidade, seu comportamento ou sua trajetória determinada pelo ambiente do CORTIÇO ou pela NATUREZA TROPICAL.

VI - ENREDO

- ✓ Tensões de caráter binário: antagonismo entre cortiço *versus* sobrado; João Romão e Bertoleza (depois, João Romão *versus* Bertoleza); João Romão e Miranda; João Romão e Jerônimo; Miranda e dona Ester; Jerônimo e Piedade, Firmo e Rita; Firmo *versus* Jerônimo; Rita *versus* Piedade; Léonie e Pombinha; Pombinha e Senhorinha; carapicus e cabeças-de-gato.

VII – LINGUAGEM E ESTILO

- ✓ Linguagem agressiva, direta, objetiva; **caricaturização** e **animalização** das personagens; **descrição realista** e crua de relações sexuais e cenas de violência; **linguagem popular** da época; lusitanismos (influência de Eça de Queirós); **pontuação** expressiva; **descrições detalhadas** e forte **apelo sensorial**.
- ✓ **NATURALISMO** – “Romance Experimental” (Émile Zola), Cientificismo (Positivismo; Augusto Comte), Determinismo (Raça-Meio-Momento; Hypollite Taine); Biologismo (Evolucionismo; Charles Darwin).

VIII – ANÁLISE

- ✓ **De vendeiro a Visconde** - romance da passagem da ordem da Natureza (cortiço, barbárie) à ordem da Civilização (sobrado); do biológico ao social; o “animal vencedor” que ascende socialmente.
- ✓ Brasil: condenado à inferioridade - visões conservadoras da época: país de miscigenados e negros (“inferiores”), desarranjo social; a Natureza Tropical convida à indolência (preguiça) e á sensualidade (domínio dos instintos primários, animais – veja-se as relações Jerônimo-Rita Baiana, Léonie-Pombinha etc); o SOL é o grande símbolo do poder desta Natureza (veja-se a cena da puberdade de Pombinha, a revolta de Piedade contra a luz do Brasil e a “culpa” do Sol na luta entre brasileiros e portugueses e – em seguida – dos carapicus contra os cabeças-de-gato); Rita Baiana representa-a ao “derrotar” a força, a disciplina e as ambições de Jerônimo (o “animal fraco” que se deixa vencer pelo ambiente).
- ✓ É uma visão típica da época, que não enxerga de fato os problemas sociais nos conflitos sociais: tudo se reduz a uma “luta de raças de nacionalidades”.
- ✓ João Romão é, em muitos aspectos, o antigo colonizador português, de “raça superior”, que vem subjugar um povo de “raça inferior”, explorando sua mão de obra e subtraindo suas riquezas.
- ✓ A ascensão de João Romão e a mudança de status do cortiço (que se torna “Avenida São Romão”) revela um país que adentrava a ordem capitalista sem se livrar dos antigos problemas herdados da estrutura colonial.